



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 17 - dezembro de 2016

A Leitura como “máquina de fazer sentir”: *Contos de Cães e Maus Lobos* de Valter Hugo Mãe

Reading as a “feeling-rousing machine”: *Contos de Cães e Maus Lobos*, by Valter Hugo Mãe

*Emanuel Guerreiro**

RESUMO

Este estudo pretende refletir sobre o ato de leitura, tendo por base dois contos de Valter Hugo Mãe, publicados na obra *Contos de Cães e Maus Lobos* (“O rapaz que habitava os livros” e “Bibliotecas”), em que LER se assume como experiência de aprendizagem pelos sentidos e pelos sentimentos e, simultaneamente, de abertura do olhar para (a construção de) novos mundos.

PALAVRAS-CHAVE: Autor; Leitor; Leitura; Livro; Memória

ABSTRACT

This study aims at reflecting on the act of reading, based on two short stories by Valter Hugo Mãe, published in the book *Tales of Dogs and Bad Wolves* (“The boy who lived in the books” and “Libraries”), where READING is assumed as a learning experience by the senses and feelings, and, simultaneously, a means to open one’s eyes to the creation of new worlds.

KEYWORDS: Author; Reader; Reading; Book; Memory

* Mestre em Literatura – Especialização em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve – Portugal. emanuel-guerreiro@hotmail.com

*A intenção de usar o livro como «máquina de fazer sentir»
já tinha sido anunciada por Valter.
Mia Couto (MÃE, 2015, p. 11)*

1 “[...] somos nós que somos lidos.”¹

O estudo que publiquei, intitulado “Sobre a Leitura”, tinha, como base de reflexão, a obra *Sobre a Leitura*, de Marcel Proust, onde “[...] se enuncia o ato de ler como experiência de linguagem, numa contínua reinvenção criadora de mundos” (GUERREIRO, 2015, p. 150). A leitura da última obra lançada pelo autor português Valter Hugo Mãe, *Contos de Cães e Maus Lobos* (2015) (em particular dois dos contos que aí surgem), motivou a continuidade e o desenvolvimento do estudo iniciado com aquela exposição de ideias. O autor, numa nota final, confessa a sua dificuldade ou incapacidade (comprovadamente injustificada nos textos que se acabaram de ler) em escrever, como escrever ou construir (um) o texto que se dirige a crianças. Porém, essa obra não é só, nem exclusivamente, dirigida a crianças: a lição que em cada conto se descobre é a de uma “[...] felicidade que se presente pode redimir agruras e falhas” (MÃE, 2015, p. 158). Crianças e, principalmente, adultos encontram aqui “[...] palavras [que] são sempre seres com luz própria” (2015, p. 159) e o seu entendimento já defende, para si próprio, o autor “[...] é sempre um modo de manter a capacidade de amar.” (2015, p. 157).

O autor defende a necessidade de estar alerta, a atenção necessária ao que está e se passa a nossa volta, como “[u]m milagre guardado na esperança” (MÃE, 2015, p. 71). Tal é prova de uma grande inteligência e capacidade de aprendizagem e “[...] aprender é mudar de conduta, fazer melhor” (2015, p. 123). É o ato de ler que permite a abertura da mente para novas realidades e conhecimentos, para a consciência da diferença e da pluralidade de ideias, seres e caminhos, concedendo ao leitor uma aventura de descoberta de si e do mundo. Ao tomar posse de um texto, o leitor tem uma experiência de revelação e de prazer, de abertura da imaginação e de decifração de si próprio, evocando a sua história e a sua memória numa fonte de conhecimento de si e do mundo.

Valter Hugo Mãe associa a leitura ao ato de brincar – “[...] um instante de leitura que talvez só devesse passar perto do que é brincar [...]” (2015, p. 158) –, o que

¹ Os subtítulos foram retirados da obra em análise. Cf. Mia Couto *in* MÃE, 2015, p. 12.

remete à ideia de *aprender brincando*: a aprendizagem como atividade lúdica, de felicidade, ânimo e entusiasmo, sem o peso da regra, do dever, da memorização; sim, sempre, de sabedoria, inteligência e reflexão. Aprendo, penso e reflito sobre o valor e a utilidade do saber para a minha identidade e construção como ser pensante, interveniente, ativo, da sociedade e do grupo humano a que pertenço e para o qual pretendo contribuir.

2 “Os livros não esquecem nada”²

No conto “O rapaz que habitava os livros”, encontramos a paixão pelos livros e pela leitura, tanto que o jovem é alertado, numa tentativa de domínio ou controle dessa sofreguidão de letras, linhas, páginas, volumes, de que “[...] os livros queimavam os olhos [...]”. Essa paixão continua mesmo à noite, roubando tempo ao sono, e chega novo aviso: “[... os livros] eram diurnos, não serviam para as noites“ (MÃE, 2015, p. 93). Igual ideia já encontrávamos no texto de Proust (1992, p. 35-37):

[...] o risco de ser punido, se fosse descoberto, após a ordem de dormir e de apagar a luz; a insônia que se prolongaria por toda a noite, quando o livro chegasse ao fim, mas as personagens ainda vivas, permanecendo na memória, ainda em diálogo, actuando, actuates; o livro fechado, a leitura terminada, mas *a sua vida* ainda a prosseguir. (GUERREIRO, 2015, p. 154).

Todo o conto assenta na personificação e animização do objeto (ser inanimado) *livro*, conferindo-lhe qualidades, sentimentos e comportamentos humanos, como uma reciprocidade com o leitor, com o que um leitor experiencia, ganha, aprende, recebe de um livro no ato de leitura, como um contágio, uma comunhão entre quem lê e o que é lido: “Pulsam, mudam, têm intenções, prestam atenção. Lidos profundamente, eles estão incrivelmente vivos. Escolhem leitores e entregam mais a uns do que a outros. Têm uma preferência. São inteligentes e reconhecem a inteligência.” (MÃE, 2015, p. 94).

O livro é qualificado como depositário do saber que pretende transmitir. Daí que os livros tenham sempre “[...] a mesma memória admirável“ (MÃE, 2015, p. 93). O conhecimento guardado, à espera da descoberta, da leitura que lhe confere vida, que o anima de novo, como se (re)nascesse, dota-os de um desejo, de *desejo*: de partilha, de

² Cf. MÃE, 2015, p. 93.

dádiva, de esperança, “[...] esbugalhados a olhar para nós” (p. 94). Assim, estão eternamente à espera da mão que os desperte, que lhes confira o sopro de vida que ocultam e que pretendem revelar, fruindo da leitura.

“Todos os livros são conversas que os escritores nos deixam” (MÃE, 2015, p. 95). Também Proust (1992, p. 41) evocava essa ideia, declarando que a leitura “[...] consiste para cada um de nós em receber comunicação de um outro pensamento [...]”. E acrescentava: “[...] é uma intervenção que, embora vinda de um outro, se produza no fundo de nós mesmos, é bem o impulso de um outro espírito [...]” (p. 50). A leitura é um diálogo que se estabelece entre o autor (ausente, que escreve e desaparece, legando o seu texto) e o leitor. O texto precisa da leitura, necessita do leitor, sujeito indispensável no e para o ato de comunicação escrita, literária, que só existe porque o receptor lhe confere vida, existência, *ser*, pela leitura. É o leitor que dá sentido a um texto ao concretizar o ato de leitura. Pensava Carlos de Oliveira: “O livro, qualquer livro é uma proposta feita à sensibilidade, à inteligência do leitor: são elas que em última análise o escrevem.” (1995, p. 205). Sendo cada leitura única, a repetição da sua experiência insufla nova vida no texto, despertando um número infinito de possibilidades de ser, de ver, de ler a marca deixada pelo autor, participando o leitor da sua autoria. A leitura é um convite à reflexão, ao pensamento sobre, a uma interpretação ou reinterpretação, ao confronto de ideias de que resulta a descoberta ou revelação: “[...] os livros acontecem dentro de nós. [...] são sobretudo incríveis de pensar. [...] ler é como caminhar dentro de mim mesmo. E é mesmo. Quando lemos estamos a percorrer o nosso próprio interior.” (MÃE, 2015, p. 95).

À personagem, são-lhe retirados os livros do quarto, numa tentativa de evitar a solidão, o distanciamento, a ausência de socialização com os restantes alunos do colégio e as leituras noturnas, o que tem um efeito dramático no jovem: “Estava igual a sozinho. Absolutamente sozinho a noite inteira. [...] Passo as noites à pressa para poder acordar e voltar a ler.” (MÃE, 2015, p. 96). A leitura é uma experiência de solidão e silêncio, implicando um desinvestimento do mundo exterior. Contudo, a leitura é solidão, mas não como negatividade, sim contínuo enriquecimento, elevação, encontro de uma companhia sempre sábia. Proust classificava a leitura como “[...] milagre fecundo de uma comunicação no interior da solidão [...]”.(1992, p. 41).

O ato de ler em silêncio implica distância, refúgio, separação que transporta o leitor para o mundo do imaginário e da criação inventiva de outras realidades, outros seres, outros mundos. Assim, nessa personagem, é a leitura que lhe permite sonhar, é o

sonho que nasce da leitura que é valorizado, não o outro que é livre, indomado e, por vezes, incompreensível. Contrapõe a personagem, à crítica ou chamada dos colegas e adultos: “[...] deitava os olhos às letras e a alma inteira à imaginação³. [...] Fiquei apenas caminhando dentro de mim mesmo, o que é diferente de solidão.” (MÃE, 2015, p. 97). Vive encantado, sonha acordado, abstrai-se do mundo a sua volta; já nem ouve o toque de entrada, nem o chamamento dos colegas ou da professora que, da sala, o observam sentado no recreio, a ler: “[...] parece que se mudou para dentro do livro porque não ouve a nossa voz. [...] Ele sorri. Está feliz.” (MÃE, 2015, p. 97).

3 “As bibliotecas [...] são lugares de partir e de chegar.”⁴

No conto “Bibliotecas”, é inevitável evocar a figura de Jorge Luis Borges, o apaixonado por livros, pela leitura e pela imagem labiríntica do lugar de acumulação de saber⁵. Esse conto lembra os ensaios borgianos sobre esse lugar de mistério e segredos por desvendar, aguardando no silêncio o leitor que vem despertar os livros do repouso inquieto que submete o conhecimento ao oculto, ao desconhecido, sem contributo para a evolução ou elevação: “[...] os livros escutam e falam ininterruptamente.” (MÃE, 2015, p. 149).

Associado ao sonho (ou permissor da entrada no mundo dos sonhos – “Os livros são da família das nuvens [...]” (MÃE, 2015, p. 149), “[o] leitor entra com o livro para o depois do que não se vê.” (p. 149). O poder que o livro e a leitura têm, a força da palavra escrita e transmitida à capacidade mental de “voar”, de criar, de inventar, revela-se na possibilidade de entrada num mundo imaginário, em mundos criados para além do imediato, do real – aquilo que *não se vê* é porta de entrada para *mais além*, onde há mais para descobrir, para conquistar, sem cadeias ou impedimentos à imaginação. A fantasia liberta o leitor do presente, da realidade; transporta-o a um espaço e a um tempo de liberdade e possibilidades inventivas. Imaginamos que teria sido assim que Leonardo da Vinci teria *visto* e criado o *impossível* na sua época, irreal no seu tempo, mas, hoje, comum para nós. É marca do gênio esse olhar possível para lá do presente. Daí, também, o sucesso que obras como as de Tolkien ou J. K. Rowling colheram.

³ Noutro conto, escreve o autor: “Somos feitos daquilo que chega à alma [...]” (MÃE, 2015, p. 85).

⁴ Cf. MÃE, 2015, p. 149.

⁵ “Como todos os possuidores de bibliotecas, [...] sentia-se culpado de não a conhecer até ao fim.” (BORGES, 2013, p. 39).

É como se se fizesse luz, como se se iluminasse o secreto e o oculto na nossa mente. Como se a leitura pegasse fogo ao que dorme dentro de nós e, assim, se criasse vida, se tornasse real o que imaginamos. A leitura permite ver, alarga a visão, *crece o cérebro*, a capacidade de pensar, de criar, de dizer mais e mais além. É esse o diálogo que o livro procura; ele conta e desperta-nos com o seu chamamento. Requer-se silêncio para a leitura, mas, dentro do leitor, esse silêncio é ilusório – fervilha a descoberta e quem a recusa nunca passará a barreira que o elevaria à festa da revelação do conhecimento: “O sossego das bibliotecas é a ingenuidade dos ignorantes e dos incautos.” (MÃE, 2015, p. 150).

Até o sossego e a quietude dos livros é ilusória: “Eles têm memória absoluta.” (p. 150). Aguardarão a partilha que ofertam, a viagem que as suas páginas prepararam, inesgotável jornada que o leitor compulsivo inicia e da qual quererá sempre mais – há quem não se saiba sem ter um livro na mão, na pasta, na mesa-de-cabeceira. Em qualquer lugar lê: na paragem do carro ônibus, no percurso do metrô, enquanto a refeição não é servida. Há sempre algo novo, mesmo que o livro que se leia já tenha sido nosso companheiro anteriormente. Uma frutuosa experiência é voltar a pegar em livros já lidos há vários anos. Está presente uma memória, uma figura, uma emoção. E é uma nova leitura que se faz, é um livro “novo”; descobre-se mais, descobre-se outra perspectiva, outra(s) imagem(ns), porque também o leitor é *outro* – mais velho, com mais conhecimentos, com outro olhar. É um *novo olhar*, como se fosse um livro *novo* que lesse.

Valter Hugo Mãe descreve de forma exemplar o ganho obtido com o ato de ler: “As pessoas que se tornam leitoras ficam logo mais espertas, até andam três centímetros mais altas, que é efeito de um orgulho saudável [...] E os livros [...] gostam de pessoas que ficam mais altas.” (MÃE, 2015, p. 150). A inteligência ganha não permite apenas a leitura de letras, mas também do outro, quem é o outro com quem contactamos, os seus sentimentos, o seu estado de humor, a sua personalidade. Lemos o mundo que nos rodeia, compreendemos mais e melhor quem somos, como somos, e os outros e o nosso mundo. É assim que nasce um escritor: “Alguns leitores, um dia, podem aprender a escrever. Aprendem a escrever livros. São pessoas com palavras por fruto [...]. Pessoas que dão palavras.” (p. 151). A leitura é resultado e tem como resultado a dádiva.

O autor também dá um conselho útil a ensinar às crianças e jovens que se mostram relutantes para com os livros e o ato de ler. Em um mundo seduzido pela tecnologia e pelo virtual, a existência do ser de papel, em que as imagens têm que ser

construídas mentalmente, em que a imaginação tem que frutificar, a recusa do livro pelos mais novos mostra que o poder da visão e do pulsar incessante do ecrã do computador ou do celular atraem muito mais. Mas o reverso e a consequência revelam-se na falta de concentração, na ansiedade, na inquietação, nas doenças psicológicas. Esta é a missão: “O trabalho que temos pela escola dos livros é normalmente um modo de ficarmos felizes.” (MÃE, 2015, p. 151). É preciso ensinar os jovens a serem felizes, a criarem a sua felicidade, a aprenderem o valor da sua felicidade e do poder que têm em ganhar a alegria do reconhecimento que o livro e a leitura trazem. Ler não é chato; ler um livro não tem que ser chato. Dou o meu exemplo: como professor, escolho um tempo semanal da disciplina de Português para o cumprimento do Plano Nacional de Leitura (ou outras possibilidades que se justifiquem ou que surjam do caminho que é feito com a turma). O sumário é “Dia da Leitura”, seguido do título do livro escolhido. Lemos em voz alta, lemos juntos e partilhamos a nossa aprendizagem. A explicação de alguma passagem, a reflexão sobre algum episódio permite a partilha de experiências: posso contar algo da minha vida como estudante, quando jovem, algo do meu percurso, algo vivido com os meus amigos, assim como os alunos querem, também, dar a conhecer algo de si⁶. Resultado? Pelo menos, é uma aula diferente da rotina inevitável do ensino. E os alunos sabem e a sua exclamação tem significado: “Professor, amanhã é Dia da Leitura!”. Não têm que trazer os manuais; livres desse “peso”, ganham em saber LER: letras, vidas, experiências, emoções. Por isso, “[t]odos os livros são infinitos. Começam no texto e estendem-se pela imaginação. [...] Se os soubermos entender, crescemos também, até nos tornarmos monumentais pessoas. Edifícios humanos de profundo esplendor.” (MÃE, 2015, p. 151-152).

Conclusão

O escritor (e professor) Frederico Lourenço escreveu: “A literatura [...] se serve para alguma coisa, é para transformar quem a lê. [...] O que queremos da literatura é o que queremos da vida: queremos que nos transforme.” (2015, p. 25). A leitura põe em comunicação um sujeito e um conhecimento ou pensamento, desenvolvendo a inteligência crítica e a capacidade de pensar. Como atividade dialógica, a leitura permite

⁶ Autor de *Uma História da Leitura* (Editorial Presença), Alberto Manguel (2012, p. 35) defende que “[...] a leitura é uma aprendizagem de experiências partilhadas”.

uma nova percepção de nós, dos outros, do nosso mundo, e fomenta a capacidade de produção de ideias.

A leitura é uma forma de o ser humano se relacionar com o mundo; daí, expressões como ler os astros, ler o rosto de alguém, ler as emoções, ler os sinais do tempo. Pela leitura, o ser humano encontra e define o seu lugar no mundo. Fonte de prazer, quem lê fá-lo pelo prazer. Ler também é o prazer do toque, da visão, do cheiro: pegar no livro, sentir a rudeza ou maciez da capa, folhear as páginas e sentir a espessura do papel, sentir o cheiro do papel, novo ou já antigo, admirar o tipo de letra, as cores e as imagens que nos captaram a atenção e que, rosto do livro, nos cativaram.

A leitura é um estímulo cerebral, fundamental para o desenvolvimento humano com o propósito de manter o cérebro em atividade, exercitando as “células cinzentas”, como diria o detective Hercule Poirot, criação inesquecível de Agatha Christie. A leitura assume-se num lema e impõe uma regra: contra o esquecimento e marca da imortalidade. O saber permanece e guarda-se para memória futura nas páginas dos livros. Construimos uma biblioteca virtual a partir dos livros que lemos, processo que contribui para a formação da nossa identidade numa constante aprendizagem e descoberta, e é a partir (ou do conjunto) dessas leituras que lemos e recebemos um novo livro, sempre uma revelação. Valter Hugo Mãe recomenda: “Devemos sempre lembrar que ler é esperar por melhor.” (2015, p. 152).

REFERÊNCIAS

BORGES, J. L. *O aleph*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Quetzal Editores, 2013.

GUERREIRO, E. Sobre a Leitura. *Revista Decifrar*, v. 3, n. 6, p. 150-162, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/Decifrar/issue/view/95>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

LOURENÇO, F. *O Lugar Supraceleste e outras meditações*. Lisboa: Edições Cotovia, 2015.

MÃE, V. H. *Contos de Cães e Maus Lobos*. Porto: Porto Editora, 2015.

MANGUEL, A. Entrevista. *Ler*, Lisboa, n. 118 (segunda série), p. 28-35; 88-89, nov. 2012.

OLIVEIRA, C. *O Aprendiz de Feiticeiro*. 4. ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1995.

PROUST, M. *Sobre a Leitura*. Prefácio de José Augusto Mourão. [S.l.]: Vega, [1992].

Data de submissão: 02/02/2016

Data de aprovação: 04/05/2016